

A invenção da nordestina

Resenha da peça teatral *A invenção do Nordeste* da companhia de teatro Grupo Carmin

Samantha Nagle Cunha de Moura*



Fonte: Grupo Carmin.

A história que vou contar é uma história sobre as potencialidades do diálogo entre o teatro e a academia e sobre como esse encontro me levou a um exercício de autorreflexão a respeito da minha própria identidade enquanto “nordestina”.

Em dezembro de 2019, eu estava de férias na minha terra, Natal (RN), quando fui assistir a uma peça de teatro que me havia sido recomendada por vários amigos: *A invenção do Nordeste*, da companhia de teatro Grupo Carmin. À época, eu era neófito da companhia, apaixonada que fiquei com a peça *Jacy*,

que recontava a história de uma mulher natalense, nascida na década de 20, a partir de seus pertences achados em uma frásqueira abandonada em uma das avenidas mais movimentadas da capital potiguar. O enredo da peça que dessa vez fui assistir era o seguinte: um diretor, contratado por uma grande produtora de fora do Nordeste, foi encarregado de preparar atores nordestinos para interpretar... um personagem nordestino. Durante toda a peça, dois candidatos potiguares se apresentam e são treinados pelo diretor para o teste final de seleção, em um incessante exercício de afloramento de uma autenticidade



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado.

* Doutoranda em Direito pela UFMG. Auxiliar de Coordenação do Diverso UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero e Co-coordenadora do Observatório de Violências contra Pessoas LGBT. Mestre em Ciências Jurídicas pela UFPB. Especialista em Direito Internacional e Bacharela em Direito pela UFRN. Autora do livro *Estupro de mulheres como crime de guerra: lições sobre direito, feminismo e vitimização* e coautora do livro *A proteção dos direitos das mulheres no Estado do Rio Grande do Norte: do direito internacional ao direito local*. E-mails: samienagle@gmail.com e samanthanagle@ufmg.br.

nordestina que poderá convencer a produtora a contratá-los para o elenco. Ao buscar uma essência nordestina via performance, uma repetição estilizada de histórias, falas e linguagens corporais, a artificialidade dessa construção identitária e os perigos de suas estereotípias vão ficando cada vez mais claros: afinal, o que é ser nordestino/a? E a quem serve essa identidade?

Ao final da peça, os três atores – Henrique Fontes (também dramaturgo da obra), Mateus Cardoso e Robson Medeiros – fizeram os agradecimentos de praxe, dos quais um chamou minha atenção: a peça havia sido inspirada na tese de doutorado de um professor da UFRN, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que também estava na plateia. A tese foi publicada com o título *A invenção do Nordeste e outras artes*.¹ Partindo da realidade dos próprios integrantes da companhia (produtores culturais e atores/atrizes que frequentemente são colocados no lugar de “nordestinos” e que enfrentam dificuldades de acesso a certos espaços e papéis em razão desse lugar) e, ainda, partindo da proliferação de manifestações xenofóbicas desencadeadas pela reeleição de Dilma Rousseff em 2014, a diretora Quitéria Kelly tomou conhecimento sobre a obra do Prof. Durval. Desse encontro fortuito, nasceu a peça que eu havia acabado de assistir.

Saí do teatro impactada, em especial porque minha tal “nordestinidade” vinha tomando protagonismo nos meus pensamentos desde que eu havia me mudado para Minas Gerais alguns meses antes do espetáculo. Em Minas, meu sotaque – questão que para mim era, até então, assunto absolutamente inexistente – era indicação, de pronto, do meu não

pertencimento e do meu outro lugar. Minha fala invocava tons elogiosos de alguns e risos de outros e, inclusive, péssimas performances ocasionais do meu jeito “carregado” de falar. Em Minas, ouvi algumas vezes a famosa expressão “baianos” (enquanto aglutinação de todo o Nordeste), dirigida a mim em tom pejorativo, termo preconceituoso cuja existência eu já conhecia, mas que nunca havia sentido na pele. A representação do Nordeste como lugar atrasado também apareceu: em certa ocasião, em uma conversa casual sobre violência doméstica, uma interlocutora apontou sua surpresa com um caso ocorrido em Minas porque “a gente acha que essas coisas não acontecem mais no Sudeste, somente em outros lugares”...

Eu poderia continuar a lista com as inúmeras experiências de conterrâneos meus que passaram por situações semelhantes. Todas elas tratam da continuação de uma longa tradição de subalternidade que povoa nosso imaginário e pontua, de tempos em tempos, nossas vidas habitadas nesse lugar do “tipo nordestino”, acompanhado de inúmeros estereótipos: cabeça-chata, baixinho, preguiçoso, pobre, inclinado ao trabalho manual, tradicional, folclórico, cabra-macho, mulher arretada etc. Nordeste é o litoral turístico e a secura do interior é falta, é *Auto da Compadecida in loop*, é retirante, é artesanato. Nordeste não é polo tecnológico, não é cultura nacional (só regional), não é urbano, não é intelectualidade, não é moderno. Ou é?

A peça e o livro conferiram uma nova inteligibilidade a esse lugar atribuído a mim, à minha família e aos meus amigos, e, em certa medida, reproduzido

¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, *A invenção do nordeste e outras artes*.

também por nós mesmos. Eles trouxeram o *insight* de uma geografia sentimental construída ao longo do tempo, contingente, complexa, reprodutora de desigualdades e funcional a uma determinada correlação de forças políticas e econômicas que se delinearam sobretudo desde a década de 20 do século passado. Uma versão diferente, portanto, da história costumeira. Em seu livro, Prof. Durval aponta como a ideia de Nordeste tem uma história: nasce da construção de uma totalidade político-cultural como reação à sensação de perda de um espaço econômico/político por parte das elites agrárias locais, cuja hegemonia nacional passava para as mãos das elites cafeeiras de São Paulo. O Nordeste, portanto, é um espaço de saudade de outros tempos, fundado no apagamento da multiplicidade e reforçado por mitos regionalistas em uma

luta incessante pela hegemonia política e cultural do Brasil, colocando-se como o oposto dos discursos sulistas de supremacia sobre o chamado “Norte”.

Evocando sentimentos profundos, minha identificação com o nordestino não é fácil de elaborar e muito menos de desconstruir. Nesse tear de sentidos, a *invenção do Nordeste* torna-se também a reinvenção de mim mesma: abre a possibilidade de refundar esse mito regional sobre bases menos limitantes e simplistas dos significados de existir a partir desse lugar.

Referência

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.